

# 1

## DE REPENTE

### Said

— O aluno Said Hossain deve dirigir-se ao gabinete do diretor.

Levanto os olhos para o altifalante pendurado no teto da sala, perguntando-me se ouvi bem. Mas o olhar do Julian, com uma sobrancelha levantada, deixa claro que *foi* mesmo o meu nome que chamaram para o gabinete do diretor.

Franzo o sobrolho na direção dele. Desde que entrei para a Academia para Rapazes St. Francis, nunca fui chamado ao gabinete do diretor. Nunca me meti em sarilhos. Aliás, sou um aluno tão exemplar que estou no quadro de honra e a caminho de uma admissão antecipada nas melhores universidades do país. Os meus pais adoram gabar-se disso ao jantar para impressionar qualquer pessoa que tenham como convidado.

— O aluno Said Hossain deve dirigir-se ao gabinete do diretor, *imediatamente*.

O professor Thomas olha para mim da secretária.

— Said? — diz ele, fazendo sinal com a cabeça para que eu saísse. Parece completamente tranquilo com o facto de um dos seus melhores alunos ter sido chamado de repente, por isso talvez eu também devesse estar.

Como a aula já está quase no fim, guardo os meus cadernos na mochila e saio. Os corredores estão desertos, mas consigo ouvir os sons abafados das aulas a decorrer enquanto caminho em direção ao gabinete

do diretor. O silêncio quase absoluto poderia até ser reconfortante, não fosse aquela sensação de inquietação a apertar-me o estômago.

Quando chego à entrada do gabinete, sou recebido por uma voz familiar.

Uma voz extremamente parecida à da minha irmã mais velha.

Quanto mais me aproximo, mais certezas tenho: começando pelas suas exclamações sonoras contra as regras do diretor, acabando no seu cabelo preto comprido e camisola roxa berrante.

— Safiyah?

Ela vira-se para mim, os olhos arregalados de... bem, sinceramente nem sei.

— Said! — diz ela. — Oh, finalmente. Temos de ir, já.

— Que se passa? — pergunto, alternando o olhar entre a minha irmã e o diretor Carson, que nunca pareceu tão desconfortável. Geralmente, ele tem aquela postura autoritária que faz qualquer um pensar duas vezes antes de quebrar as regras. Mas parece que bastaram uns minutos com a Safiyah para pôr isso em causa.

— Houve um inci... — O diretor Carson é interrompido por um olhar severo da Safiyah, mas o meu estômago já caiu.

— Ammu? Abbu? — A minha mente salta logo para as piores possibilidades.

A Safiyah abana a cabeça lentamente.

— É... a Sra. Barnes.

E então, simplesmente sei. Mesmo sem a Safiyah dizer mais nada, sei. Porque sabia que ela estava doente. Até lhe tinha escrito. Enviei-lhe um cartão de melhoras, como se isso pudesse ajudá-la a lidar com o cancro. Mas nunca me permiti considerar a possibilidade de ela realmente...

— Lamento muito, Said. — A Safiyah estende os braços e é como se o meu corpo estivesse a agir por conta própria. Caminho para o seu abraço. A Safiyah envolve-me com força, num calor que parece querer proteger-me do inevitável, e ficamos assim por longos momentos.

Tudo o que consigo fazer é tentar processar: a Sra. Barnes morreu. A Sra. Barnes, a mulher que me incentivou a amar a leitura. Sem a carta de recomendação dela, provavelmente nem teria entrado nesta escola. E agora ela simplesmente... morreu.

— Temos de ir — diz a Safiyah assim que me afasto do abraço. — O funeral é amanhã de manhã, e, se sairmos já, conseguimos chegar a Vermont com tempo de sobra.

— Mas... — Abano a cabeça, porque as palavras dela mal fazem sentido na minha mente. A Sra. Barnes. Morta. Funeral. *Voltar a Vermont?*

— O Said tem aulas — intervém o diretor Carson quando fico em silêncio por demasiado tempo. — Ainda falta uma semana para o fim do semestre e o início das férias de verão.

A Safiyah solta um riso sarcástico.

— Olhe para ele! — Faz um gesto na minha direção, como se eu fosse uma peça de arte numa galeria. Pestanejo para o diretor Carson, porque, honestamente, não faço ideia do que ele deveria estar a ver. — Acha que ele vai conseguir comparecer a mais uma semana de aulas? Ele tem de estar em casa, com a família. Está devastado.

— Essa tal Sra. Barnes era... uma parente? — pergunta o diretor Carson, hesitante.

A Safiyah lança-lhe outro olhar cortante.

— Só lhe é permitido estar triste quando é um familiar que morre? — A voz dela não se eleva. A Safiyah não grita. Mas há algo no seu tom que o torna baixo e assustador. Quando éramos pequenos, ela usava esse tom para me obrigar a fazer todas as tarefas que ela não queria fazer. Hoje, sou imune... ou, pelo menos, um pouco. Mas o diretor Carson está claramente a lidar com a Safiyah pela primeira vez. Ele mexe-se desconfortavelmente na cadeira.

— Bem, não. É só que... não conhecemos nenhuma Sra. Barnes, e...

— Verifique os registos da escola. Vai encontrar a carta de recomendação da Sra. Barnes para o Said. Eles eram próximos. Ela foi como uma mentora para ele.

*Foi.* É essa a palavra que ecoa na minha cabeça, repetidamente. A Sra. Barnes *foi* como uma mentora. Porque já não é.

— Eu só não sei se...

— Nós vamos e pronto! — exclama a Safiyah, levantando a mão no ar. — Vou levar o Said, vamos arrumar as coisas dele e voltar para Vermont, quer você ache que a perda dele é suficientemente importante

para justificar faltar a uma semana de aulas, quer não. — Dá meia-volta e sai a marchar pela porta.

Fico ali por mais uns momentos, porque, na raiva dela, obviamente esqueceu-se de que veio cá para me buscar.

O diretor Carson suspira profundamente.

— Said, podes ir. Eu dou o recado à secretária — diz ele. — E... os meus pêsames.

Engulo o nó que me aperta a garganta.

— Obrigado — respondo.

A Safiyah parece completamente indiferente ao meu dormitório. Claro, o meu lado do quarto está impecável. Tudo no lugar, e um lugar para tudo. Mas o lado do Julian é uma história totalmente diferente. Há roupa espalhada por todo o lado, e os livros estão em tudo menos na prateleira acima das nossas secretárias, que serve precisamente para os manuais escolares.

— Como é que o Julian encontra alguma coisa neste chiqueiro? — pergunta a Safiyah, estalando a língua com desaprovação enquanto observa o lado dele do quarto.

— Ele desenrasca-se — digo, enquanto olho fixamente para o meu lado do quarto. Achava que ainda tinha uma semana inteira para arrumar tudo antes do verão. Agora, com o peso da tristeza preso na garganta como uma pedra, a ideia de arrumar todas as minhas coisas parece ainda mais avassaladora.

A Safiyah parece quase sentir isso, porque passa por mim e começa a tirar roupa da gavetas e a colocá-la numa mala aberta.

— Quando é que aconteceu? — pergunto, passado um momento.

A Safiyah olha para mim, mas não se detém na sua tarefa incansável de fazer a mala com as minhas coisas.

— Não sei ao certo. Acho que foi há uns dias.

Há uns dias. Não deveria ter sentido que algo estava errado? Não há algo no Universo que nos avisa quando alguém de quem gostamos está a sofrer? Ou... morreu? Mas, nos últimos dias, vivi como se tudo estivesse normal. Fui às aulas, joguei futebol com o Julian, fiz os trabalhos de casa. E, durante todo esse tempo, a Sra. Barnes já cá não estava.

— Como soubeste? — pergunto à Safiyah, em vez de perder mais tempo imerso na culpa. Sinto a pressão na garganta a crescer, as lágrimas a ameaçar cair. Não vou desabar à frente da Safiyah. Não agora.

A Safiyah para por um momento.

— Ah, eu... alguém lá de casa me contou. — Volta a arrumar as minhas coisas como se não tivesse hesitado na resposta. Mas eu percebo logo. Deve ter sido *ela*, a Tiwa. Com todos os seus defeitos (e ela tem muitos), a Tiwa, pelo menos, amava a Sra. Barnes tanto quanto eu. Houve uma altura na nossa vida em que a Tiwa me teria contado logo assim que soubesse.

— Pronto, tudo feito! — diz a Safiyah, fechando o fecho da mala. — Quanto mais cedo sairmos daqui, mais cedo podemos chegar... bem, ao funeral. — Ela olha para mim de soslaio e há compaixão no seu rosto. Está a olhar para mim como se eu estivesse prestes a desmoronar ou algo do género.

Baixo a cabeça e aproximo-me da secretária desarrumada do Julian.

— Devia avisar o Julian — digo. — Vai ficar a pensar... no que aconteceu.

— Não podes só mandar-lhe uma mensagem? — pergunta a Safiyah.

Abano a cabeça, pegando numa caneta da secretária e desdobrando uma folha de papel amachucada.

— Não podemos usar os telemóveis entre as aulas. Quando ele voltar para o quarto, vai ficar confuso.

— Bem, eu vou levar as tuas coisas para o carro — diz a Safiyah, arrastando a minha mala atrás de si. — Vemo-nos lá, dentro de uns minutos, está bem?

— Está bem.

— Não te esqueças de desenhar um Pokémon no bilhete — acrescenta a Safiyah, descontraidamente.

Pauso.

— Como é que sabes que o Julian gosta de Pokémon?

A Safiyah limita-se a lançar um olhar para as dezenas de peluches de Pokémon alinhados na cama do Julian.

— Todas as vezes que falei com ele, mencionou Pokémon meia dúzia de vezes — responde antes de sair pela porta, e percebo que tem razão.

Com a Safiyah fora do quarto, o nó na minha garganta parece crescer ainda mais. Engulo em seco e bato levemente com a caneta contra o papel. Como é que explico ao Julian exatamente o que aconteceu, se ele não sabe nada sobre a Sra. Barnes?

«Saí à pressa porque a bibliotecária da minha cidade natal morreu»? Mas a Sra. Barnes era muito mais do que isso. Era minha amiga, minha confidente.

«A minha irmã veio buscar-me mais cedo para me levar de volta a Vermont», escrevo rapidamente, «porque...» Paro ali, sem saber bem o que dizer a seguir. «Porque uma amiga minha faleceu.» Parece pouco, mas suponho que seja toda a informação de que o Julian precisa. «Vemo-nos nas férias», acrescento, e faço um rabisco rápido do Psyduck, que é — por alguma estranha razão — o Pokémon favorito dele. E só esse desenho de dois minutos traz-me um alívio estranho. Como se saber da morte da Sra. Barnes tivesse atado um nó de tristeza dentro de mim, e a tinta no papel estivesse a aliviar um pouco dessa dor.

— Devias chorar — diz a Safiyah, depois de já estarmos na estrada há algumas horas. Não temos outra companhia além das estações de rádio que o carro vai sintonizando. Já ouvimos de tudo, desde música *country* a *heavy metal*, e até um programa de rádio sobre diferentes tipos de batatas.

— Porque é que havia de chorar? — pergunto.

— Porque chorar faz-te bem. Não devias guardar as tuas emoções todas para ti assim.

Reviro os olhos e olho pela janela do meu lado, em vez de olhar para a Safiyah. Desde que começou a estudar psicologia na universidade, acha que sabe tudo. Bem, ela sempre foi assim, mas agora está pior porque tem a promessa de uma licenciatura para reforçar o seu ar de sabichona.

— Said... Desculpa — diz a Safiyah suavemente alguns momentos depois. E eu amoleço um pouco. Ela está a tentar ajudar... mesmo que esteja a ser completamente e absolutamente inútil.

— Eu estou bem — digo, mesmo enquanto sinto a pressão a acumular-se por trás dos olhos. Pestanejo depressa, tentando afastar as lágrimas, mantendo o olhar fixo na janela.

— Devias partilhar uma memória feliz que tenhas da Sra. Barnes — diz a Safiyah. — Ela gostaria disso, não achas?

A Safiyah não conhecia muito bem a Sra. Barnes, mas tem razão. Ela *ia* gostar. A Sra. Barnes era o tipo de pessoa que preferia pensar nas coisas positivas da vida. Não gostaria que eu passasse a viagem inteira a olhar zangado pela janela, irritado com a minha irmã e a sentir-me culpado por não lhe ter escrito o suficiente enquanto estive no hospital.

Tento lembrar-me de uma memória feliz.

— Bem, lembro-me de quando entrei na St. Francis e a Tiwa ficou chateada comigo. Disse que nunca mais ia falar comigo se eu decidi ir.

— Isso *não* me parece uma memória feliz...

— Deixa-me acabar — digo. — Ela estava mesmo chateada comigo. Mas depois foi falar com a Sra. Barnes. Disse que a Sra. Barnes a convidou para o gabinete dela, fez-lhe chá nas chávenas de porcelana pequeninas que ela usava quando queria ter uma conversa séria. E contou-lhe como tinha escrito a minha carta de recomendação, e todos os motivos pelos quais eu precisava de ir para a St. Francis, e como isso me iria ajudar. — Faço uma pausa, olhando pela janela. — A Tiwa continuou irritada, mas quando chegou a casa depois disso, entendeu. Queria que eu fosse.

— Isso é uma história sobre a Sra. Barnes? Parece mais sobre a Tiwa — diz a Safiyah.

Lanço-lhe um olhar de reprovação, mas sei que há alguma verdade no que ela diz.

A questão é que todas as memórias felizes da Sra. Barnes estão, de alguma forma, ligadas à Tiwa. Mesmo as memórias felizes de casa têm ligação com ela.

— É só que... era esse o tipo de pessoa que a Sra. Barnes era. Ela apaziguava sempre as coisas entre mim e a Tiwa, ajudava-nos a entender o lado um do outro. Achei que a Tiwa ia ficar zangada comigo a semana toda antes de ir para a St. Francis, mas a Sra. Barnes garantiu que isso não acontecia. Garantiu que eu tinha a melhor última semana em New Crosshaven.

Graças à Sra. Barnes, sabia que, mesmo ao partir, teria sempre pessoas à minha espera em casa. Teria sempre a Tiwa. Teria sempre a Sra. Barnes. Mas agora já não sou amigo da Tiwa. E a Sra. Barnes já cá não está. Não tenho muito tempo para pensar nisso, porque no momento seguinte a Safiyah faz uma guinada tão brusca com o carro que tenho a certeza de que vi toda a minha vida passar-me à frente. Um carro buzina à nossa frente e é por segundos que não colidimos.

A Safiyah murmura uma asneira por entre os dentes e eu viro-me para ela com um olhar furioso.

— Que raio foi isto? Podias ter-nos matado.

— Está escuro — diz ela. — Não vi aquele carro a aproximar-se. Está tudo bem, vai ficar tudo bem.

Levo a mão ao nariz e aperto a ponte. Sempre soube que a Safiyah era uma péssima condutora, mas não fazia ideia de que era ainda pior à noite. Pego no telemóvel para ver as horas. Já passam das dez da noite e ainda nem saímos da Virgínia. Provavelmente ainda faltam umas horas até chegarmos a Vermont.

— Acho que devíamos parar por hoje. Descansar num lugar qualquer.

— Vamos chegar atrasados ao funeral! — protesta a Safiyah. — São só mais umas horas.

— Estás cansada — digo. — Estás a conduzir há horas. Queres que o nosso funeral seja o próximo?

A Safiyah suspira.

— Está bem, pronto. Vamos procurar um sítio para ficarmos esta noite, mas... temos de acordar ao nascer do sol para conseguirmos chegar a tempo.

Anuo, já a programar múltiplos alarmes no telemóvel. Nem pensem que vou perder a minha oportunidade de me despedir da Sra. Barnes. Nem a má condução da Safiyah me vai impedir.

# 2

## QUE IDIOTA

### Tiwa

Para mim, funerais são como casamentos.

As pessoas vêm de toda a parte para celebrar a vida de alguém. Há comida, música e dramas familiares — só que, no final de um casamento, os convidados não cavam um buraco de dois metros para enterrar a pessoa homenageada.

Acho que essa é a única diferença.

Bem, essa... e o facto de que num funeral é perfeitamente aceitável vestirmo-nos de preto da cabeça aos pés e passarmos o dia inteiro com uma expressão trancada que em nada nos favorece.

Mas experimenta fazer isso no casamento da tia Amaal e, de repente, és a estranha da família. Num funeral, ninguém se importa. Estão todos demasiado ocupados a lidar com a sua própria tristeza para repararem em quem está a usar o quê.

Além disso, não era isso que a Sra. Barnes gostaria. Ela sempre defendeu que devíamos ser nós mesmos, sem nos preocuparmos com o que os outros pensam. Ela teria gostado que cada pessoa aqui viesse exatamente como é, quer isso significasse usar um fato elegante, quer um disfarce de palhaço. Ela só queria que a sua vida fosse celebrada sem que ninguém se sentisse obrigado a esconder partes de si.

Quando a Sra. B foi diagnosticada com cancro no ano passado e começou a quimioterapia, lembro-me de como comprou perucas absurdas e as usava com o maior orgulho. A sua favorita era uma

azul-elétrico, que sempre me fez lembrar o cabelo daquele videoclipe antigo da Katy Perry. Usava-a em todo o lado: na minha festa de anos, no festival anual da abóbora em New Crosshaven, até na festa do Eid lá em casa no ano passado.

Junto à entrada da capela, há um painel cheio de fotografias dela, todas com o seu grande sorriso e o cabelo azul vibrante.

Um contraste gritante com o que imagino agora dentro do caixão de madeira fechado: os olhos fechados, o rosto pálido, a cabeça quase sem cabelo, com apenas alguns fios ruivos desalinhados — como era sempre quando não usava as perucas.

Sem mais sorrisos. Sem mais histórias divertidas sobre a juventude dela. Sem mais vida.

Sem mais Sra. B.

Passo a mão pelos olhos para afastar as lágrimas e estendo os dedos para tocar na tampa do caixão. Como se, ao fazê-lo, pudesse ativar alguma força no Universo que me acordasse deste pesadelo.

Mas, claro, nada acontece.

Continuo aqui, nesta casa funerária.

E a Sra. Barnes continua morta.

Alguém pigarreia. Quando levanto a cabeça, vejo um desconhecido com ar impaciente a olhar para mim.

— Já acabaste? Estás aí há uns dez minutos. Há mais pessoas a querer prestar as suas homenagens.

Só agora reparo na fila que se formou atrás dele. Não percebi que estava há tanto tempo parada.

— Oh... d-desculpe — digo, engolindo o nó na garganta. Não ajudaria em nada começar a chorar à frente de um estranho que já está irritado comigo.

Limpo os olhos mais uma vez e lanço um último olhar à Sra. B antes de me afastar do caixão.

A sala está cheia, com pessoas de todas as idades. Muita gente deve ter adorado a biblioteca — ou apenas a Sra. B. Ela tinha aquela energia contagiante que fazia toda a gente querer estar perto dela.

Mais cedo, durante a cerimónia, reconheci algumas pessoas da escola. Mas ninguém com quem fosse próxima o suficiente para puxar

conversa ou sequer acenar com um cumprimento. Então, acabo por encontrar um canto só para mim.

É estranho pensar que estive nesta mesma casa funerária há menos de dois anos, e, ao mesmo tempo, tudo e nada mudou. O espaço foi remodelado, as paredes já não são daquele bege pálido, agora têm um tom esverdeado esquisito. Mas os sentimentos que me invadem por estar aqui são os mesmos. O aperto no peito, o vazio no estômago, a vontade de fugir da realidade.

Sinceramente, estou farta de funerais.

Há cadeiras espalhadas pela sala, a maior parte vazias. Acho que ficar de pé num funeral torna tudo menos deprimente. Sentar-me obriga-me a pensar, e isso é a última coisa que quero fazer agora. Mas, quando finalmente escolho um lugar, faço o que qualquer pessoa faz para evitar lidar com os próprios sentimentos: pego no telemóvel e ligo-o. Espero que, enquanto aqui estive, tenha acontecido alguma grande polémica com uma celebridade qualquer que me distraia completamente disto.

Assim que o ecrã acende, vejo quatro chamadas não atendidas da minha melhor amiga, a Safiyah.

Endireito-me de imediato, franzindo o sobrolho. A Saf nunca liga tão cedo.

Espero que esteja tudo bem... Carrego no botão para devolver a chamada no exato momento em que a sala fica em silêncio.

E depois ouço um som inconfundível. O familiar toque de chamada da Safiyah ecoa pelo espaço — a música das *Powerpuff Girls*, estridente e impossível de ignorar.

Mas não faz sentido ela estar aqui. Ela mal conhecia a Sra. B. Talvez haja outra pessoa na sala com o mesmo nível de obsessão que a Safiyah pelas *Powerpuff Girls*. Mas isso parece... impossível.

Levanto a cabeça e percebo, de repente, que quase toda a gente na sala está a olhar na mesma direção. Para a entrada.

Estranho.

Levanto-me para tentar ver melhor, mas arrependo-me da decisão assim que percebo o que — ou melhor, quem — captou a atenção de toda a gente.

A minha melhor amiga, Safiyah Hossain, e o irmão dela, Said.

Retiro o que disse sobre não haver julgamento num funeral. As pessoas estão, definitivamente, a julgar. Eles parecem completamente deslocados aqui.

A Safiyah está a usar uma camisola roxa berrante com a frase *Hello Suckers* estampada em letras garrafais, e o Said... bem, está vestido com o uniforme impecável do colégio interno, parecendo o mesmo idiota de sempre.

A Safiyah vê-me e sorri, acenando com entusiasmo, como se não estivéssemos num funeral. Algumas pessoas começam a olhar para mim agora.

Hesito antes de me aproximar dela, torcendo o nariz quando, por acidente, troco olhares com o Said por um breve momento.

Assim que chego à entrada, a Saf puxa-me para um abraço apertado.

— T, tive tantas saudades tuas! Como estás? — pergunta ela quando finalmente me larga, como se não falássemos todos os dias.

Está com aquele seu sorriso estranho, de assassina em série, que me está a pôr nervosa.

— Hã... estou bem, considerando tudo — digo.

A Saf acena, com ar triste.

— Imagino que tenha sido difícil. Sei que vocês os dois gostavam muito dela.

O «vocês os dois» refere-se a mim e ao Said.

Sou quase obrigada a olhar para ele agora. Seria estranho se não o fizesse.

Quando olho, fico surpreendida ao vê-lo a olhar diretamente para mim. Mas o mais surpreendente é a expressão no rosto dele. O desprezo habitual que ele me reserva quando estamos juntos foi substituído por algo novo.

Os olhos estão vermelhos e vidrados — parece que... *estive a chorar*.

Mas não percebo porquê, quando não teve problemas em ir para o colégio interno e abandonar toda a gente. Nem em nunca visitar a Sra. B no hospital, nem mesmo quando ela estava no pior estado.

Porquê fingir que se importa agora?

Já é tarde demais.

Ainda estou a olhar para o Said quando ele finalmente abre a boca para falar.

— Vou prestar as minhas homenagens — diz, virando-se para a Saf.

Ela aperta-lhe a mão e dá-lhe uma palmadinha nas costas, e ele passa por mim como tem feito nos últimos anos. Como se eu fosse invisível.

Reviro os olhos. *Este* sim, é o Said que eu conheço e odeio.

— Que idiota — murmuro, esquecendo-me por uns momentos de que a Safiyah está ao meu lado. Normalmente tento guardar os meus pensamentos sobre o irmão dela para mim quando ela está presente.

— Desculpa, tentei ligar-te antes para te avisar — diz a Saf, com ar culpado.

Abano a cabeça.

— Não faz mal. Além disso, ele só vai estar aqui um ou dois dias, como sempre. Estou só muito feliz por te ver — digo-lhe, mas a culpa ainda não lhe desapareceu do rosto.

— Sobre isso...

— Olá a todos! Posso ter a vossa atenção, por favor? O velório será no centro comunitário Walker. Estamos todos prestes a sair, por isso, por favor, peguem nas vossas coisas e preparem-se para partir — anuncia a Clara Sheppard, uma das bibliotecárias que trabalhou com a Sra. Barnes.

— Devíamos sair depressa, antes que o trânsito fique complicado — digo.

— Vou só buscar o Said primeiro, está bem? — responde a Saf.

Aceno com a cabeça, tentando esconder o meu desagrado ao ouvir o nome dele. Suponho que este seja o preço a pagar por a minha melhor amiga ser irmã do meu arqui-inimigo.

A Saf reaparece alguns minutos depois com o Said. Ficamos a encarar-nos em silêncio, eu de braços cruzados para deixar bem claro quão desagradada estou com a presença dele.

Ele devolve-me o olhar, com a mesma antipatia.

A Safiyah pigarreia.

— Então! O centro comunitário... suponho que seja eu a conduzir.

— Eu posso conduzir — digo, principalmente porque prefiro não morrer hoje. A Saf conduz como se estivesse num videojogo, convencida de que tem vidas ilimitadas.

— Tens a certeza? — pergunta a Saf.

Aceno. Muita certeza.

Lanço um olhar ao Said, à espera de um protesto. Mas ele não diz nada.

A Saf dá-lhe uma cotovelada, e ele finalmente olha para mim, ainda a franzir o sobrolho.

— Tiwa — diz ele, acenando com a cabeça.

Levanto uma sobrancelha. Aquilo era um cumprimento?

— Said — respondo, no mesmo tom seco e esquisito.

Ele costuma ser muito mais falador, mas talvez, agora que a sua bibliotecária favorita de infância morreu, não tenha muito para dizer.

— Diz à Tiwa que vou a pé até ao centro Walker. Não quero ser o último a chegar lá, ao ritmo de caracol com que ela conduz. Vemo-nos daqui a pouco — diz ele à Saf.

Claramente, o Said não percebeu que hoje temos todo o tempo do mundo. Afinal, tirando chorar por alguém que já não está cá, os funerais são momentos relativamente tranquilos.

— É engraçado ouvir isso do tipo que está a chorar no funeral da mulher que ignorou nos últimos quatro anos — digo. — Espero que tenhas um passeio maravilhoso. Com sorte, um coiote come-te pelo caminho e assim nunca mais tens de passar pelo sofrimento de vires à boleia comigo.

O Said fica vermelho, mas a expressão dele é ilegível.

— A sério, pessoal, vão pôr-nos na rua. O nosso tempo já acabou — diz a Clara, batendo palmas e apontando para a porta.

— És uma... — começa o Said, mas trava-se a tempo, como se tivesse medo de que o fantasma da Sra. B surgisse para o repreender.

Sorriso, vitoriosa.

O que só o faz parecer ainda mais furioso.

— Pronto, acabou-se. Eu vou conduzir. E vocês os dois vão sentar-se no banco de trás sem se queixarem um do outro. Perceberam? — diz a Safiyah.

Ficamos os dois em silêncio.

— Ótimo. Agora despachem-se. Tenho planos depois disto — acrescenta ela.

— Planos? Planos com a Ishra? — pergunto, arrastando a última parte.

A Ishra trabalha no Walker e tem sido o alvo das investidas da Safiyah há anos. Era uma piada recorrente entre nós — a paixão unilateral dela — até que, recentemente, a Ishra começou a retribuir.

A Saf sorri antes de sair porta fora, sem confirmar nem negar nada.

Vou tentar obter mais informações mais tarde, quando o Said não estiver por perto.

Assim que entramos no carro, faço o que sempre faço antes de ser sujeita à condução da Safiyah: rezo para que Alá nos proteja de quaisquer cicatrizes ou ferimentos permanentes que possamos sofrer com isto.

Quando acabo, viro a cara para o outro lado. Olho pela janela, tentando ignorar a proximidade do Said e as coisas que, mesmo sem querer, reparei nos olhares furtivos que lhe lancei antes. Como o facto de estar mais alto. Ou de o cabelo dele estar mais comprido e despenteado. E de como o meu estômago se contorce sempre que ele olha para mim.

Como agora.

Ignoro tudo isso e concentro-me na minha segunda ronda de orações, pedindo a Deus, mais uma vez, que a Safiyah não nos mate hoje.